CÉSAR OBEID

MINHAS RIMAS DE CORDEL

ILUSTRAÇÕES DE REGINA DROZINA E VALDECK DE GARANHUNS

LIVRO DO PROFESSOR



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2023 - Objeto 3
Código da coleção:
0856 P23 03 02 000 000

ALTEA

Minhas rimas de cordel



MODERNA


MODERNA

Minhas rimas de cordel

César Obeid

Ilustrações de
Regina Drozina e Valdeck de Garanhuns



1ª edição, 2021

LIVRO DO PROFESSOR

ALTEA

MODERNA

© CÉSAR OBEID,2021

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petrili de Almeida Leite
EDIÇÃO DE TEXTO Carolina Leite de Souza, Marília Mendes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO Elaine Cristina del Nero
REVISÃO Lilian Semenichin, Nair Hitomi Kayo
COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE Camila Fiorenza
ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO Regina Drozina, Valdeck de Garanhuns
PROJETO GRÁFICO Camila Fiorenza
DIAGRAMAÇÃO Cristina Uetake, Elisa Nogueira
COORDENAÇÃO DE *BUREAU* Américo Jesus
TRATAMENTO DE IMAGENS Arleth Rodrigues, Fabio N. Precendo
PRÉ-IMPRESSÃO Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira Siva, Helio P. de Souza Filho, Marcio H. Kamoto e Vitória Sousa
IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Obeid, César
Minhas rimas de cordel : livro do professor / César Obeid ; ilustrações Regina Drozina e Valdeck de Garanhuns. – 1. ed. – Guarulhos, SP : Editora Altea, 2021

ISBN 978-65-89990-01-7

1. Literatura de cordel 2. Literatura infantojuvenil I. Drozina, Regina. II. Garanhuns, Valdeck de. III. Título.

21-79827 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura de Cordel : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura de Cordel : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA ALTEA LTDA.
Av. Papa João Paulo I, 2258 – galpão 1 Papa – sala 02
Vila Aeroporto – Guarulhos – SP – CEP 07170-350

Impresso no Brasil, 2021

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

DE ACORDO COM AS NOVAS NORMAS ORTOGRÁFICAS



Dedico este livro a todos que ouviram minhas histórias e improvisos ao longo do tempo.

MODERNA

MODERNA

Epígrafe

Setilha

O leitor vira ouvinte
O escritor, menestrel
O ouvido vira voz
Nesse eterno carrossel
Apresento nesta hora
Com carinho e sem demora
Minhas rimas de cordel.

MODERNA

Versos de abertura

Sextilha

Pra falar sobre o cordel
Um cordel eu vou armar
É literatura escrita
Mas pra gente declamar
Uma arte que pertence
À cultura popular.

A cultura popular
Pelo povo é sempre feita
Cores, crenças e costumes
Espontaneamente aceita
Tradição que perpetua
Cheiro de terra e colheita.

O cordel é o nome dado
Ao folheto do sertão
Que nasceu lá no Nordeste
E seguiu a tradição
De histórias e poemas
Sempre em rimas de emoção.

MODERNA



Sua forma é o folheto
Sua capa é em gravura
Sua métrica é sempre fixa
Sua rima é sempre pura
E por quase mais de um século
No Brasil ele perdura.

Porém hoje em dia temos
Outras formas de impressão
Como livros ilustrados
Muitos *sites* que aqui estão
Que divulgam para o mundo
Esta linda tradição.

MODERNA



A sextilha é a estrofe
Que é mais utilizada
Mas setilha e oitava
E a décima encantada
Também fazem o universo
Dessa arte bem-rimada.

E os temas do cordel
São bem amplos e diversos
Do real ao imaginário
Eles vivem submersos
Afinal não tem limite
Um cordel com belos versos.

MODERNA

Outra arte que completa
É nossa xilogravura
O desenho é entalhado
Na madeira, antes pura
Um papel é pressionado
E a imagem ali perdura.

Com a técnica do carimbo
O trabalho é parecido
O desenho que é impresso
Depois fica invertido
Mesmo a imagem da cor preta
Deixa o verso colorido.

É uma técnica milenar*
Que o mundo aceitou
Mas foi só nos anos 30
Que o folheto começou
A ter xilos nas suas capas
Tradição que fixou.

_____
* Em alguns países do Oriente, como a Índia, por exemplo, eles usam a técnica da xilogravura para a impressão de lindas imagens em tecidos.

MODERNA

O cordel e a gravura
Os dois vivem tão unidos
Dão mil cores às imagens
Dão as rimas pros sentidos
Soltam versos pelos ares
Em acordes coloridos.

Produzida em todo canto
Cidade, vila ou recreio
A cultura popular
Desconhece o bloqueio
Lhes oferto essa viagem
Então façam um bom passeio...

MODERNA



SUMÁRIO

1. Ditados populares, 15
2. Superstições e crendices, 29
3. Desafio do trava-línguas, 33
4. Adivinhas, 39
5. A velhota fofoqueira (História – Reconto de um conto popular), 47
6. O casal mais muquirana do mundo (História – Reconto de um conto popular), 57

Despedida, 72

Autor e obra, 74

Paratextos: Cordelando..., 76

Que história é essa?, 78

MODERNA



1
DITADOS POPULARES

MODERNA

Quando eu brinco com palavras
Com cordel, literatura
Dos ditados populares
Eu tenho desenvoltura
Água mole em pedra dura
Tanto bate até que fura.



Vou contar outro ditado
No meu verso meio louco
Atenção meu pessoal
Quero ouvir refrão de troco
Que a alegria de um pobre
Sempre dura muito pouco.



Outro dito popular
Onde afirmo o que sei
Sendo na boca do povo
Todo dito já é lei
Em terra onde vive cego
Quem tem um olho é rei.

MODERNA

Outro dito eu bem sei
Pois o verso não atrasa
Com ditados em cordel
Para a rima eu já dou asa
Que falando em roupa suja
Essa só se lava em casa.



No universo dos ditados
Juro que eu estou gostando
Mando outro para o público
Responder ao meu comando
Vale mais ter um na mão
Do que eu ter dois voando.



Outro provérbio do povo
Minha rima adianta
Pois se hoje estou bem triste
Eu atiço minha garganta
E o povo diz comigo
Quem canta os males espanta.

MODERNA

No mundo dos pensamentos
Uma ideia me inflama
Mas alguém é mais esperto
Leva pra si o programa
Papagaio come milho
Periquito leva a fama.



Quero ouvir lindo refrão
Desse meu povo querido
Esse dito vai e vem
Vem e vai é o seu sentido
Pois quem com o ferro fere
Com o ferro é ferido.



Para o povo aqui presente
Brinco com os meus cordéis
Já ouvi da minha mãe
E apresento os papéis
Tu me digas com quem andas
E eu te direi quem és.

MODERNA

Esse aqui é engraçado
Subo já nesse degrau
Todo mundo já ouviu
E eu repico em sarau
Lá na casa do ferreiro
Todo espeto é de pau.



Esse aqui tem controvérsias
Mas mantenho a minha fé
Pois o povo o mantém
Sempre firme e de pé
Dizem que filho de um peixe
Sempre um peixinho é.



Pra dizer outro ditado
Juro que eu não escapo
Nesse verso brincalhão
Não permito nenhum trapo
Bicando de grão em grão
A galinha enche o papo.

MODERNA

A cultura do cordel
Nunca fecha a sua soma
Eu percebo nos sorrisos
O mais variado aroma
Escutando esse ditado
Quem tem boca vai a Roma.



Mas que grande brincadeira
É ouvir os meus repentes
Rimas são como ganhar
De alguém lindos presentes
Quando o cavalo é dado
Não dá para olhar os dentes.



Esse aqui, caros ouvintes
Vai falar sobre a união
Que com ela nunca vamos
Errantes em contramão
Só com uma andorinha
Não dá pra fazer verão.

MODERNA

Brincadeiras de cordel
Têm o brilho do tesouro
Outro dito, o poeta
O verseja sem estouro
A palavra é de prata
O silêncio é de ouro.



Esse aqui todos conhecem
É famoso esse ditado
Que está vivo até hoje
Porque é do nosso agrado
Eu prefiro andar só
Do que mal acompanhado.



O que passou já passou
Não está no meu caminho
Eu só quero alegrias
Paz, amor, luz e carinho
Porque as águas passadas
Não mais movem o meu moinho.

MODERNA

Vou jogar outro ditado
Como quem arma seu laço
Pode parecer estranho
E causar um embaraço
Pode fazer o que digo
Mas não faça o que faço.



Esse ditado contém
A sabedoria vasta
Pois quem é esperto nunca
Sai dizendo o quanto gasta
Para o bom entendedor
Só meia palavra basta.



Esse dito, meus ouvintes
Vai falar de amizade
Que rima, mas não combina
Com a dura falsidade
Porque quem semeia os ventos
Sempre colhe tempestade.

MODERNA

Como é bom ouvir agora
Da plateia essas respostas
No universo do cordel
Sempre faço mil apostas
Em rio onde tem piranha
Jacaré nada de costas.



Quando isso aconteceu
Assustei e dei um grito
Ah, se tivesse escutado
O que dizia esse dito
Quando a boca está fechada
Nela não entra mosquito.



Ditado é comparação
É do povo o seu relato
Experiência vivida
E nunca é abstrato
Quando me faltar o cão
Faço a caçada com o gato.

MODERNA

Tudo falo em cordel
Na forma de poesia
Esse ditado existe
Dia e noite, noite e dia
Quando a esmola é grande
Todo cego desconfia.



Dois ditados numa estrofe
Eu brinco nesse setor
Quando tenho azar no jogo
Tenho mais sorte no amor
Quando um dia é da caça
O outro é do caçador.



Mas agora serão três
Ditados no meu programa
Quem avisa amigo é
O poeta agora chama
Todo homem tem seu preço
Pois quem não chora não mama.

MODERNA

Com ditados populares
A minha estrofe arrasa
Homem que deve não teme
Esse queima feito brasa
Vaso ruim nunca quebra
Quem casa sempre quer casa.



Antes tarde do que nunca
Quatro ditos vou falar
A união faz a força
Eu pretendo recordar
Amor com amor se paga
Hoje a cobra vai fumar.



O cão que late não morde
Com ditados eu disparo
Dai a César o que é de César
Esse é um dito raro
Onde há fumaça, há fogo
O que é barato sai caro.

MODERNA

Peixe morre pela boca
Sem fazer reviravolta
O futuro a Deus pertence
É ditado de escolta
Pra baixo o santo ajuda
Um bom filho à casa volta.



Quem espera sempre alcança
Ouçam os ditados meus
Má notícia chega logo
Para ricos ou plebeus
Devagar se vai ao longe
Voz do povo é a voz de Deus.



Há males que vêm pra bem
Com ditados eu não falho
Seguro morreu de velho
Eu rimando dou trabalho
Tudo que não mata engorda
Cada macaco em seu galho.

MODERNA

Nem só de pão vive o homem
É um ditado que rende
Os gostos não se discutem
Esse aqui o povo entende
Os últimos serão os primeiros
Só perguntar não ofende.



E vocês, caros ouvintes
Lembram-se de outro ditado?
Então o coloquem em verso
Mas que seja bem-rimado
Sejam brincalhões também
Desse cordel encantado.

MODERNA



2
SUPERSTIÇÕES E CRENDICES

MODERNA

Rimando superstições
Eu pretendo lhes contar
Essa é meio tenebrosa
Você vai se arrepiar
Ao quebrar algum espelho
Sete anos de azar.



Para o povo aqui presente
Vou contar mais um segredo
Sendo na boca do povo
É gostoso igual brinquedo
Aponte estrelas no céu
Nasce verruga no dedo.



Quem essa aqui nunca fez
Até pode achar graça
Mas eu conto em cordel
Pois o verso não embaça
Três batidas na madeira
Para afastar a desgraça.

MODERNA

Não sei quando essa surgiu
Mas é atualizada
Para o crente ou descrente
Não enfrente essa parada
Na certa é mau agouro
Passar debaixo da escada.



Tem gente que até não dorme
E começa um suadouro
Como é crendice do povo
Ninguém faz um desaforo
Um sapato para cima
É sinal de mau agouro.



Essa quando alguém percebe
Abre um sorriso ligeiro
É crendice tão antiga
Na qual creio o tempo inteiro
Quando coça a mão esquerda
É sinal que vem dinheiro.

MODERNA



3
DESAFIO DO TRAVA-LÍNGUAS

Sextilhas. Última estrofe, setilha.

MODERNA

Poeta 1:
Começou nossa peleja
Na arte de improvisar
Eu proponho um convite
Pra ninguém se enrolar
Relembrando trava-línguas
Para a língua não travar.

Poeta 2:
Então vou te acompanhar
Pois não temo calafrio
Vou mandar versos complexos
Pra esquentar o clima frio
Se um de nós travar a língua
O outro vence o desafio.

Poeta 1:
Então eu viro um navio
E começo a navegar
Sabe aquele sabiá
Que sabia assobiar?
Viu um sapo lá no saco
Com seu papo a pular.

MODERNA

Poeta 2:
Você disse sem travar
Mas eu vou dizer agora
Alô, o tatu tá aí?
Não, o tatu já foi embora
Ver um gato se esconder
Com o rabo bem pra fora.

Poeta 1:
Disse bem e sem demora
Mas eu vou ganhar a soma
Quando um rato rói a roupa
De um rei real de Roma
A rainha diz: "A roupa
Do meu rei o rato toma".

Poeta 2:
Se sua língua não embroma
Minha língua sempre insiste
E diz: Um prato de trigo
Para um tigre tão triste
Que o trigo não tritura
E não quer prato de alpiste.

MODERNA

Poeta 1:
Se você sempre persiste
Eu também com rima brinco
Qual é o doce mais docinho
Da doceira de afinco?
Trago o troco e tire o prato
Não tem truque, troque o trinco.

Poeta 2:
Eu não sou ornitorrinco
Mas também tenho artimanha
A aranha arranha o jarro
E o jarro arranha a aranha
E outra aranha na Alemanha
Quis lasanha com castanha.



MODERNA

Poeta 1:
É tão grande sua artimanha
Quanto é grande a cantoria.

Poeta 2
Em nós dois sobra façanha
Pra brincar com poesia.

Os dois:
Nosso verso agora míngua
Pra findar o trava-língua
Adeus, até outro dia.



MODERNA


O QUE É O QUE É?

4
ADIVINHAS

MODERNA

Vou mandar as adivinhas
Para o povo desse espaço
Quero que vocês respondam
Sem cometer embaraço
Qual é uma peça inteira
Mas tem nome de pedaço?

A resposta então eu faço
Com a rima que passeia
Que respondo a adivinha
Para o povo da minha aldeia
Se é uma peça inteira
Vai no pé e é uma meia.



No mundão das adivinhas
Brinco com verso rimado
Vou falar de alguma coisa
Que às vezes fica inchado
Eu deitado e ele em pé
Ele em pé e eu deitado?

Eu não escutei direito
Mas eu mando meu olé
Ele vive no meu corpo
Pode ter forte chulé
E me leva a todo canto
Que eu falo do meu pé.

MODERNA

Outra brincadeira em rimas
Eu aqui vou fabricando
Todo mundo um dia fez
E ficou admirando
Quanto mais dele retiro
Maior ele vai ficando?

Essa respondo porque
Não sou um poeta fraco
Já brinquei bastante disso
Lá na praia, eu destaco
Aumentando ao tirar
Ao cavar qualquer buraco.



Quando faço as charadas
Minha rima nunca breca
Ele nunca tem cabelo
Seu cabelo nunca seca
Também nunca o perdeu
Quando velho, é careca?

Acho que aqui o povo
Mi'a rima não entendeu
Disse que não tem cabelo
E o cabelo não perdeu
Quando velho, é careca
Que eu falo de pneu.

MODERNA

Quero ver vocês quebrarem
Da charada o caroço
Se preciso até façam
Escarcéu e alvoroço
Tem a boca na barriga
E a corda no pescoço?

Pelo visto ninguém sabe
Pois não escutei refrão
Tem a boca na barriga
Essa é a situação
E a corda no pescoço
Digo que é violão.



Em cordel faço pergunta
De prêmio dou um troféu
À noite dorme na água
Fica boiando ao léu
Mas de dia ela fica
Paradinha lá no céu?

Eu respondo porque tenho
O saber e a cultura
Se passa o dia no céu
Céu da boca sem censura
E boia num copo d'água
Eu respondo é dentadura.

MODERNA

Essa aqui é bem difícil
Atenção eu quero ver
Todo mundo um dia viu
E admira pra valer
Podem tirá-la de mim
Mesmo antes de eu ter?

Posso tirá-la de noite
Posso tirá-la de dia
Geralmente são momentos
De bastante alegria
Se eu tiro antes de tê-la
Falo de fotografia.



Jogo aqui outra charada
E a plateia já abraça
Atenção em cada ouvido
Para o que o verso laça
Cai da torre, nada faz
Cai na água, se espedaça?

Eu respondo pra quem sabe
Da cultura do cordel
Se não machuca do alto
É mais leve do que mel
Mas na água se espedaça
É uma folha de papel.

MODERNA

Brincando com adivinhas
O poeta não distrai
Para um mundo imaginário
Sua rima sempre vai
O que atravessa a porta
Porém nunca entra ou sai?

Sempre fica onde está
E parada ali perdura
Todo dia nós tocamos
Nessa peça sempre dura
É nela que vai a chave
Eu falo de fechadura.



Outra bela adivinha
Para o povo que adora
Quero saber a resposta
Mas que seja sem demora
Preto quando a gente compra
E bem cinza ao jogar fora?

Gente, essa é muito fácil
Quente ele queima a mão
Ele vive um processo
Que se chama combustão
Vai dentro da churrasqueira
Que eu falo de carvão.

MODERNA

Para quando desamarra
Só anda quando amarrado
De manhã é preenchido
À noite, esvaziado
Sempre anda sem ter pernas
Tem língua, mas é calado?

Desde crianças usamos
Nele às vezes damos trato
Quando sujo ele gera
Comentário e boato
Todo dia eu uso um
Que eu falo de sapato.



Com charadas em cordel
Mando outra assim urgente
Nasce grande sem perfume
Ou com aroma presente
Morre pequena e de pé
Sempre tem cabeça quente?

Minha gente, atenção
Ao que o poeta revela
Ela pode ser azul
Branca, preta ou amarela
Fina, grossa, alta ou baixa
Que eu falo de uma vela.

MODERNA



5
A VELHOTA FOFOQUEIRA

(História – Reconto de um conto popular)

MODERNA

Vou contar uma história
Que é muito conhecida
De uma velha tagarela
Doida, estranha e atrevida
Que amava a fofoca
E falar da alheia vida.

E falava e falava
Seja de noite ou de dia:
– *Você viu a roupa nova*
Da comadre nhá Maria?
Dizem que ela ganhou
Dinheiro na loteria.

Toda fofoca da velha
Não escapava um porém
E contava os detalhes
Sem esquecer do vai e vem
Quando brigavam dizia:
– *Não falo mal de ninguém!*

MODERNA

Mas quem não gostava disso
Era o seu velho marido
Que dizia: – *Oh! mulher*
Deixe desse enxerido
Como pode alguém ser
Desse jeito atrevido!

– Você respira fofoca,
Só fala da vida alheia
Isso é muito ridículo
Uma coisa muito feia
Esqueceu que tem marido
Tem a fofoca na veia!

E não é que a velhota
Se sentia ofendida:
– Nunca fui bisbilhoteira
Muito menos atrevida
Eu sei bem guardar segredo
Não falo da alheia vida!

MODERNA

Porém esse bate-boca
Nunca mesmo dava em nada
Foi então que o maridão
Teve ideia iluminada
E pensou com seus botões:
Vou armar uma cilada!

E foi na venda da esquina
Com um disfarce perfeito
Ninguém o reconheceu
Pois não tinha um defeito
Comprou um ovo de pata
Escondeu-o junto ao peito.

Pois ele com esse ovo
Ia testar sua velhota
Saber até onde iria
A sua voraz lorota
Pois a sua paciência
Tava dum jeito que esgota.

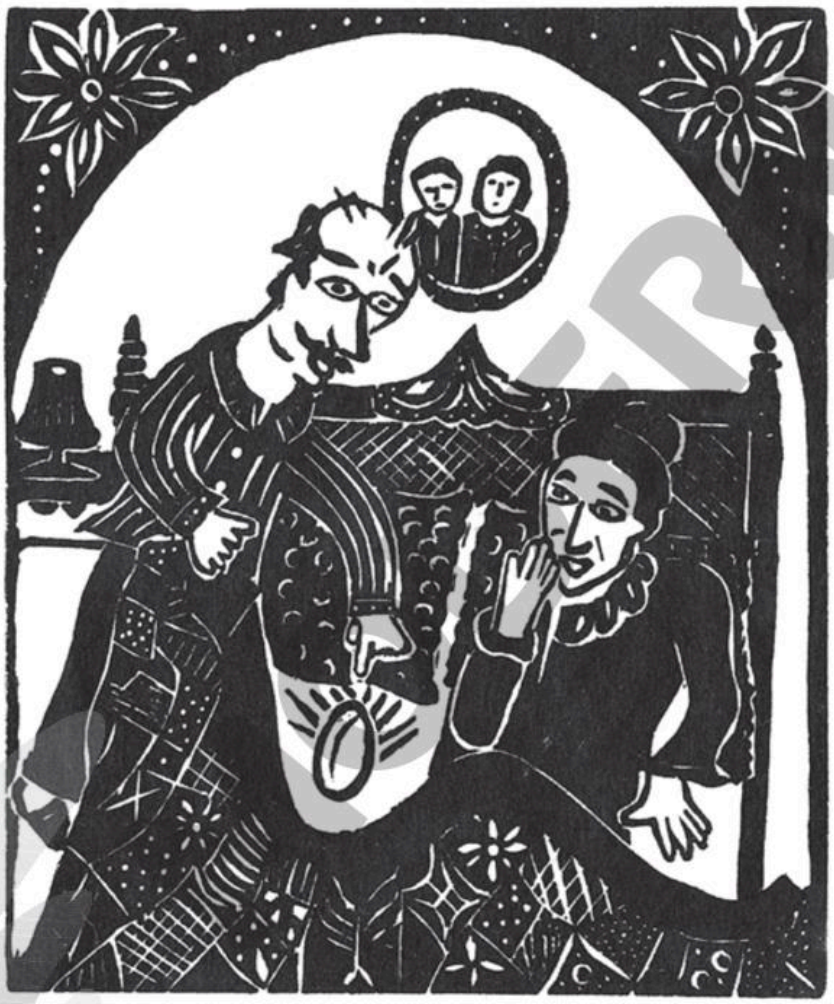
MODERNA

À noite, ela dormindo
Gritou ele: – *Coisa ingrata!*
A mulher logo acordou:
– *Você quase que me mata!*
– *Nada disso, minha esposa*
Botei um ovo de pata!

Quando ela viu o ovo
Não podia acreditar
Seu marido, desse jeito
O que os outros vão pensar
Ele disse: – *Esse segredo*
Você jura, vai guardar!

– *Mas é claro que não conto*
Pra ninguém o que foi feito
Você sabe que o marido
Sempre teve o meu respeito
Juro que não digo nada
Sobre o seu grande defeito!

MODERNA



E agora, meus amigos
O que vai acontecer?
Será que nossa velhota
Vai fazer caldo ferver
Ou esse grande segredo
Com ela já vai morrer?

Logo na manhã seguinte
Ele foi pro seu trabalho
A velha ficou doidinha
"Pulando de galho em galho"
E saiu tomando as ruas
Com cabelo de espantalho!

Já pra primeira comadre
Ela contou o segredo:
– Mas não fale pra ninguém
Só de pensar, sinto medo
Meu marido botou ovos,
Na minha cama, hoje cedo!

MODERNA

Mas é que a velha contou
De um jeito interessante
Cada detalhe ou gesto
Pra ela era importante
O boato então correu
A cidade, num instante.

Disse a Maria pra Rita
Disse a Rita pra Sofia
Disse a Sofia pra Neusa
Disse a Neusa pra sua tia
Nem a internet alcançou
Toda essa correria.

Ao chegar a sua casa
Assustou-se o maridão
Pois fincada na sua porta
Ele viu uma multidão
E perguntou para um homem
Qual que era a confusão.

MODERNA

– Nesta casa aconteceu
Algo extraordinário
Esse fato já saiu
Até no noticiário
Um sujeito bota ovos
Mais de vinte, num horário!

O marido não sabia
Se ele ria ou se chorava
Porque via sua mulher
Se explicando a quem passava:
"Mas será isso verdade"
Todo o povo perguntava.

A partir daquele dia
Eles fizeram uma troca
Ela nunca mais passou
Pra frente qualquer fofoca
Ele ganhou em troca disso
Da mulher, uma beijoca.

FIM

MODERNA



6
O CASAL MAIS MUQUIRANA DO MUNDO

(História – Reconto de um conto popular)

MODERNA

Vou contar uma história
Com cordel, arte bacana
Pra dizer de um casal
Que era muito muquirana
Que adorava ter dinheiro
E odiava gastar grana.

Os dois eram bem velhinhos
E esbanjavam avareza
Possuíam o bastante
Mas viviam na pobreza
E nem filhos eles tinham
Para não gerar despesa.

Com despesas pessoais
Não gastavam um centavo
Ela sempre pechinchava
Até pra comprar um cravo
E dizia: – *Quando eu gasto*
Meu marido fica bravo.

MODERNA

Banhos só às quartas-feiras
Pois a água é muito cara
Só de cinco em cinco anos
Comem o palmito-juçara
Quando tem um ovo ele
Come a gema e ela a clara.

O casal tinha uma casa
Mas ninguém a reformava
As janelas descascavam
O portão sempre emperrava
E a tinta das paredes
Ninguém mais a enxergava.

Se formos falar das roupas
A mesma situação
Se uma roupa estava velha
Não compravam outra, não
Costuravam, remendavam
E a usavam um tempão.

MODERNA

Certa vez uma família
Se mudou pra vizinhança
E no dia em que fizeram
A festinha da criança
Deram ao casal de idosos
Um bolinho de lembrança.

Mas não era qualquer bolo
Que só tinha cobertura
Era um bolo de banana
Com canela da mais pura
E quem desse uma mordida
Já dizia: – *Que loucura!*

O casal disse: – *Obrigado!*
E avançaram no bolinho
E em apenas dez segundos
O casal comeu tudinho
E a esposa assim falou:
– *Quero outro pedacinho!*

MODERNA

Ele disse: – *Eu também*
Quero outro, lhe aviso!
Então corra lá pra venda
Compre só o que for preciso
Pra fazer dois pedacinhos
Pra não termos prejuízo.

– Mas, marido, se fizermos
Aqui em casa, não vai dar.
Os vizinhos vão querer
E não dá para negar,
É melhor irmos ao mato
Para o nosso bolo assar.

– Tem razão, minha doce esposa,
Essa é a situação;
Levaremos para o mato
O fogão e o botijão;
Desse jeito não será
Necessária a divisão.

MODERNA

O marido foi correndo
Comprar tudo na vendinha:
– *Vou querer uma banana,*
Meia xícara de farinha,
Três colheres de manteiga,
De canela, uma lasquinha.

O marido comprou tudo
E a esposa fez o bolo
Amassou a bananinha
Mexeu bordas e miolo
Depois de tudo prontinho
Suspiraram: – *Que consolo!*

E pegaram uma assadeira
Para o bolo enformar:
– *Dois pedaços saborosos*
Muito em breve vão assar...
Porém algo deu errado
Começaram a gritar!

MODERNA

Ela disse enlouquecida
Esbanjando insensatez:
– Como isso aconteceu?
De quem foi a estupidez?
No lugar de dois pedaços
Nesta fôrma temos três!

E seguia inconformada:
– Três não dá pra dividir!
– Tem razão, pois três é ímpar
Então eu vou decidir;
Dois pra mim e um pra tu
E nem vamos competir.

A esposa disse: *– O quê,*
Está doido ou está doente?
Sou mulher e como os dois
E você come um somente,
Além disso, eu que pus
Minha mão na massa urgente.

MODERNA

Só que o velho disse: – *A conta*
Do mercado eu paguei.
E a sola do sapato?
E o tempo que eu gastei?
Sou o homem e como dois;
Justo é justo e lei é lei.

E assim o nosso casal
Discutia sem parar
Caminharam para o mato
Para o bolinho assar
Esperaram ficar pronto
Não pararam de brigar.

O marido disse: – *Chega,*
Que já não aguento mais!
Eu já tive uma ideia
Que vai nos trazer a paz;
Vamos fazer uma aposta
Para ver quem come mais.

MODERNA

– A aposta é a seguinte
Pra não ter mais embaraço;
Ficaremos em silêncio,
Sem ter medo do cansaço,
Quem primeiro abrir a boca
Perde o terceiro pedaço.

– Ô, marido, boa ideia,
Que você pode pensar;
Ficaremos caladinhos;
Quem primeiro for falar,
Abre mão do outro pedaço
E vê o outro mastigar.

E assim os dois ficaram
Em silêncio, horas a fio
Veio a noite, amanheceu
Não se ouvia nem um pio
E o bolo intocável
Esperando o desafio.

MODERNA

E alguns dias se passaram
E os dois sempre bem calados
Os vizinhos já estavam
Por demais desconfiados
E tocaram a campaninha
Não tiveram resultados.

Um vizinho disse assim:
– Pulo o muro e vou ver!
Então ele abriu a porta
No que viu, não pôde crer!
– O casal já está morto,
Nem deu tempo de comer.

– Venham todos para cá,
Vejam o fim desse casal.
Faleceram em silêncio
Nem chegaram ao hospital;
É melhor nós nos unirmos
Pra fazer o funeral.

MODERNA

E agora, meus ouvintes
O que vai acontecer?
Será que o casal levanta
E se explica sem temer
Ou prosseguem com a aposta
Para ver quem vai vencer?

E os dois nada falaram
E ficaram paradinhos
Bem no meio ainda estavam
Os três belos pedacinhos
Vamos logo escutar
O que falaram os vizinhos:

– Todos nós já bem sabemos
Que não têm nenhum herdeiro,
Porém como são mesquinhos
Devem ter muito dinheiro;
Precisamos pra pagar
Caixão, flores e o coveiro.

MODERNA

Logo mais uma senhora
Encontrou o que procuravam:
– *Vejam só quanto dinheiro*
Que esses dois velhos guardavam;
Eram ricos, mas mesquinhos
E com nada eles gastavam.

Os dois que ouviam tudo
Permaneceram calados
Porém logo alguém falou:
– *Os caixões já estão comprados!*
Vamos pôr os dois lá dentro
Pra depois serem enterrados.

Os levaram ao velório
E os dois sem nada falar
Mas alguém lá decidiu
Que as tampas iam fechar
A mulher falou: – *Estou viva*
E não vou me sufocar.

MODERNA

O marido levantou
Foi correndo rapidinho:
– *Eu venci a nossa aposta*
Pois fiquei bem caladinho,
Vou correr logo pra casa
Pra comer o meu bolinho.

A mulher falou: – *Me espere*
Porque um pedaço é meu!
Todos disseram assustados:
– *Mas nenhum dos dois morreu?*
Ao voltarem para casa
Algo estranho aconteceu...

A velhinha abraçou
Com amor o seu velhinho
Pois bem no meio da sala
Lá havia um cachorrinho
Que lambia sem parar
Todo o resto do bolinho.

MODERNA

E assim termina a história
Que causou um grande rolo
Ela disse: – *Eu fui uma tola...*
Ele disse: – *Eu fui um tolo...*
E ficaram se abraçando
Sem dinheiro e sem o bolo.

FIM

MODERNA



DESPEDIDA

(décima)

MODERNA



Já brinquei muito inspirado
Com cultura popular
Mas é hora de parar
O meu verso bem-rimado
Mas eu não parto apressado
Parto com muita alegria
Deixo a minha poesia
Com o brilho mais fiel
Das minhas rimas de cordel
Adeus, até outro dia.

MODERNA

Autor e obra



ARQUIVO DO AUTOR

Uma das coisas que eu mais gosto de fazer é escrever literatura de cordel. Eu sinto como se fosse uma grande brincadeira de procurar palavras para saber qual fará a melhor rima para, depois, tentar encaixá-la dentro de uma estrofe.

Vejam só vocês que a maior parte dos cordelistas são nordestinos, e não poderia ser diferente, pois o cordel começou a se desenvolver e tomou vida própria nessa região do país.

Nasci na cidade de São Paulo em 1974 e nunca imaginei que seria artista, até começar a fazer teatro. Estudei dramaturgia, interpretação, dança, mímica e muito mais! Adorei "entrar" no mundo das artes e fazer coisas que mexem não só com a cabeça, mas com o corpo inteiro.

MODERNA

Foi fazendo teatro de cordel que peguei gosto pela cultura popular. Depois veio o convívio com os cantadores que moram na minha cidade e acabei aprendendo a fazer versos.

Acreditem vocês que é possível aprender a fazer cordel; é só treinar! Gosto muito de contar minhas histórias e fazer improvisos brincando com quem me escuta.

Também adoro ler, andar de bicicleta, caminhar ao ar livre e comer pipoca.

Espero que vocês gostem e se divirtam com as (nossas) rimas de cordel.

César Obeid
www.cesarobeid.com.br

MODERNA

CORDELANDO...

Ao ler este livro vocês puderam conhecer uma parcela muito rica da cultura popular brasileira; um universo repleto de rimas, versos e muita poesia. Esse é o mundão da literatura de **cordel**, uma literatura popular, de origem sertanejo-nordestina, escrita em versos rimados e metrificados. Também chamamos o cordel de literatura oral, porque é produzida para ser dita, falada ou cantada.

A literatura de cordel, na sua forma tradicional, é impressa em folhetos, do tamanho aproximado de ¼ de uma folha A4. Hoje em dia, porém, temos muitos textos de cordel em livros, músicas e também em *sites*.

O cordel nasceu no interior do Nordeste (sertão, brejo, cariri etc.) e ganhou o litoral nordestino, como também as grandes capitais do Brasil. Isso aconteceu pelo processo migratório dos sertanejos nordestinos. Já o nome literatura de cordel provém de Portugal, porque lá os cordéis eram expostos em barbantes para venda em feiras. Porém, o povo sertanejo nordestino, na sua maioria, veio escutar esse nome nas grandes cidades. O nome usado pelo povo é "romance", "folheto", "verso" ou "história de trancoso".

Vale lembrar que Portugal também teve sua "Literatura de Cordel", que era escrita em prosa ou verso, muito diferente da "nossa" arte poética, que é escrita, invariavelmente, em versos.

MODERNA

Outra manifestação poética ligada ao cordel é o repente feito ao som da viola, a chamada cantoria de viola. É o improviso poético feito pelo cantador repentista. Vale lembrar que não existe repentista somente no Nordeste. Encontramos poetas improvisadores por todo o Brasil; no Rio de Janeiro, o "partido alto" é o improviso presente nas rodas de samba. No interior do estado de São Paulo, na região de Piracicaba, temos ótimos improvisadores que fazem o "cururu". No Rio Grande do Sul, os poetas repentistas são os chamados "pajadores". Uma forma de improviso poético de origem urbana que vem se destacando muito é o "Freestyle", o improviso da cultura *hip-hop*. No Nordeste também encontramos a "embolada", improviso feito ao som do pandeiro. Enfim, por todo o país e por todo o mundo encontramos ótimos repentistas, cada qual seguindo a sua tradição que rima com coração.

César Obeid

MODERNA

QUE HISTÓRIA É ESSA?

Por Luciana Alvarez

Quem é que pode fazer cordel? Quem quiser! César Obeid prova bem isso. Nascido na cidade de São Paulo, formado em administração de empresas, ele é acima de tudo um apaixonado pela cultura popular. Por isso, em vez de administrar empresas, preferiu se dedicar a espalhar a literatura de cordel e do repente de viola Brasil afora. César pesquisa sobre o tema, dá cursos e ainda cria histórias para cordel e repentes. Para o teatro, escreveu e produziu dois espetáculos, dos quais também participou como ator. Mesmo sem ter nascido no sertão nordestino, tornou-se um cordelista para ninguém botar defeito.

Nesta obra, dá para aprender direitinho o que é um cordel na prática, sem precisar ficar só lendo descrições do gênero e teorias. Sempre com senso de humor, o autor apresenta, em primeiro lugar, uma série de versos que brinca com ditados populares. Faz isso sem nunca perder o ritmo ou escorregar nas rimas!

A seguir, fala das crendices populares, transformando em poesia o medo de passar debaixo da escada ou de quebrar um espelho. Depois, César nos desafia com trava-línguas e adivinhas. No final do livro, há mais presentes: as divertidas histórias de uma velhota fofoqueira e de um casal avarento, recriadas da tradição oral.

MODERNA

O autor, muitas vezes, conversa com os leitores como um contador de histórias que se dirige ao público e ouve suas respostas, porque o cordel vem de uma tradição oral. Os versos de *Minhas rimas de cordel* estão escritos, mas foram feitos para serem declamados. Na hora que for ler, faça o teste e leia em voz alta. Veja como o texto ganha vida com o som e o ritmo das palavras.

O texto tem uma graça própria, mas no livro ele não está sozinho. Vem acompanhado de xilogravuras que marcam presença em muitas páginas. Tente perceber as relações entre o texto e as ilustrações feitas por Regina Drozina e Valdeck de Garanhuns.

E eu com isso?

Repare que, além de escolher o formato de cordel, uma arte popular, os temas escolhidos pelo autor também são todos ligados à cultura brasileira.

Mesmo antes de ler o livro, você já conhecia alguns dos ditados populares, não é mesmo? Mas será que entendeu o sentido de todos eles? Como falam de hábitos e costumes do passado, de uma vida mais ligada ao meio rural, pode-se ficar um pouco perdido com certas referências. Por exemplo, o ditado popular nos ensina a não olhar os dentes do cavalo que nos foi dado, porque é pelos dentes que as pessoas sabem se um cavalo é novo ou velho. E quando a gente ganha algum presente, não é de bom-tom ficar avaliando a qualidade do que nos foi dado, certo?

MODERNA

Se você não entendeu alguns, aproveite para pesquisar sobre o assunto. Sua resposta pode ser encontrada nos livros, assim como perguntando para pessoas mais velhas. Isso também vale para as adivinhas e as crendices.

Seguindo o ritmo e as rimas do cordel, as histórias da velha fofoqueira e do casal muquirana são narrativas curtas, com começo, meio e fim. Como nas fábulas e contos de fada tradicionais, elas trazem uma lição de moral clara, mostrando que não se deve fazer fofoca nem ser avarento. Mas as duas têm uma outra característica bem marcante: fazem uso do humor para isso.

Do começo ao fim, o livro é divertido. Um momento especial, que pode render boas risadas durante a leitura, é o capítulo dos trava-línguas. Como na obra toda, o autor arruma os trava-línguas em versos com rima! Para completar, elas são apresentadas numa espécie de diálogo, algo semelhante ao desafio de dois repentistas.

Ser capaz de dizer rapidamente uma frase com palavras de sons tão semelhantes é um desafio para a língua. Às vezes, só mesmo com um pouco de treino para pronunciar tudo certinho, sem trocar as sílabas. Quem quiser, pode desafiar um amigo ou alguém da família a ler rapidamente. Ou até mesmo desafiá-lo a inventar uns versinhos na hora, igual aos repentistas. Só cuidado para não dar um nó na cabeça – ou na língua.

MODERNA